

# O FIM DA ERA DOS PROFESSORES

Este artigo propõe-se analisar as dificuldades que a profissão enfrenta no ano letivo em que o Ensino Superior (ES) se defronta com uma dúvida existencial: presencial ou online? Deve o ano letivo ser organizado com aulas presenciais, com aulas online ou num sistema misto? Esta questão é aqui analisada à luz do “traumático” 2º semestre de 2019-20 e do que pode ser previsto para o futuro próximo do ES, incluindo o papel dos docentes, o financiamento e a evolução futuro do sistema.

## 1. OS RISCOS DAS AULAS PRESENCIAIS

Começemos pelo princípio. Qual o problema de fazer as aulas presenciais neste ano letivo? Seremos todos “cobardes”?<sup>1</sup>

Um dos aspetos que vêm sendo estudados sobre a presente pandemia é o papel que certos eventos tiveram na propagação do vírus. Foi nesses estudos que nasceu o termo *super spreader events*, ocasiões em que grupos grandes de pessoas foram infetadas ao passarem umas horas num local fechado e mal arejado, com um grupo que incluía... indivíduos já infetados com o coronavírus. Ensaios de coros, serviços fúnebres, cerimónias religiosas para pedir proteção divina contra... o coronavírus, entre outros eventos, terão sido responsáveis por milhares de infeções e mortes.

Apesar de faltar saber tanto sobre um vírus que só foi identificado em janeiro passa-

do, parece existir um crescente consenso<sup>1</sup> sobre a forma como as pessoas apanham o coronavírus: é necessário um contacto próximo e prolongado com alguém infetado. Por “próximo”, entende-se suficientemente chegado para respirar as agora famosas “gotículas suspensas” que levam o vírus. Não estamos a falar dos famosos “perdigotos” que os professores (alguns,... poucos,... raros) emitem ao falar, porque esses são gotículas demasiado grandes e pesadas e caem num raio de pouco alcance. Estamos a falar de gotículas mais pequenas que emitimos ao respirar, falar, gritar, tossir ou espirrar (por ordem crescente de alcance) e que podem flutuar no ar<sup>II</sup> até um quarto de hora<sup>III</sup>.

Esse consenso parece ir no sentido de o risco de contágio ser muito leve ao ar livre (i.e na praia), ser maior em recintos fechados (i.e no centro comercial) e ser máximo em recintos fechados e mal arejados<sup>IV</sup> (por isso, a maioria das infeções são, segundo a DGS, contraídas em casa, a partir de familiares já infetados).

Não sei se a definição “recinto fechado e mal arejado” faz lembrar alguma coisa aos colegas. Imagino que tal dependerá das instalações onde trabalham. A mim recorda-me noites de inverno com salas de aula pequenas, apinhadas de alunos e fechadas para manter a temperatura em níveis suportáveis<sup>V</sup>. A mim, esta definição faz-me recear

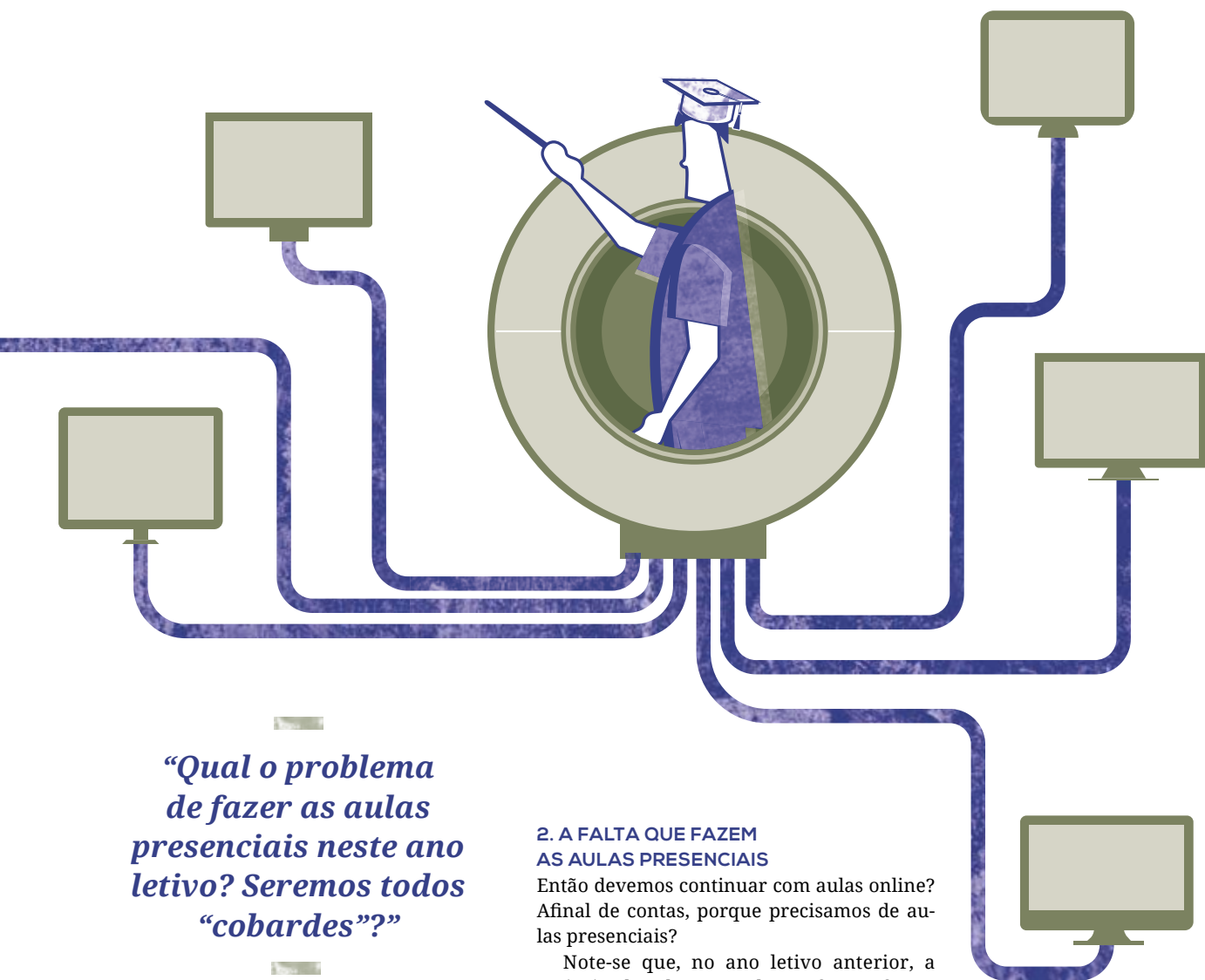


FERNANDO GASPAR

I.POLITÉCNICO  
SANTARÉM



1  
Referência “off the record”  
sobre alguns médicos.



## “Qual o problema de fazer as aulas presenciais neste ano letivo? Seremos todos “cobardes”?”

que as aulas possam ser *super spreader events*, mesmo com o distanciamento entre alunos e a renovada higienização dos espaços.

Para aprofundar esse receio, vêm surgindo relatos sobre o impacto que o regresso às aulas teve na pandemia, por exemplo, em Israel<sup>VI</sup> ou sobre o papel que as escolas em geral podem ter na difusão do vírus<sup>VII</sup>.

Mais receoso fico quando vejo estudos sobre a reabertura das aulas presenciais concluírem que a mesma é segura para os alunos, não sendo claros nem conclusivos sobre se é perigosa para os docentes e nem sequer se dando ao trabalho de incluir no estudo os funcionários não docentes<sup>VIII</sup>, ou muito menos de segmentar os docentes por escalão etário. Ou seja, citando um esclarecedor artigo<sup>IX</sup> sobre o sistema imunitário humano, também no caso da abertura das aulas podemos dizer que... “é complicado”. Ou seja, não fazemos grande ideia...

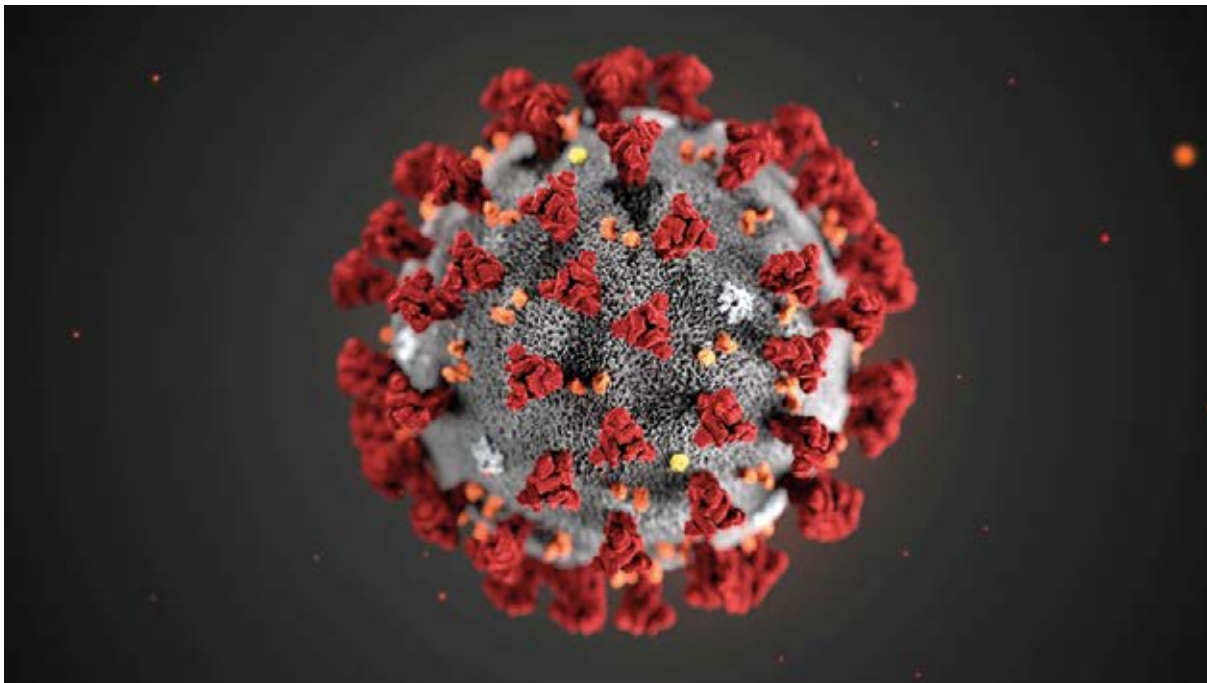
## 2. A FALTA QUE FAZEM AS AULAS PRESENCIAIS

Então devemos continuar com aulas online? Afinal de contas, porque precisamos de aulas presenciais?

Note-se que, no ano letivo anterior, a maioria dos docentes do ES foram forçados a adotar o que se pode chamar *emergency distance teaching*. O que fizemos não é *eLearning* ou *Blended Learning*, pois isso requer uma preparação, um treino ou uma estrutura que não houve tempo para fazer. No fundo, terminámos o semestre o melhor que foi possível com o que podemos chamar de *eTeaching*, onde pouco mais foi possível fazer do que substituir as aulas presenciais por “palestras” transmitidas por videoconferência.

Poucas terão sido as instituições de ensino superior (IES) que conseguiram ir além disso, com acrescidas dificuldades sentidas na avaliação<sup>X</sup>, como seria de esperar dada a falta de tradição (até as IES que trabalhavam em *eLearning* faziam a avaliação de forma presencial) e dada a orientação radicalmente diferente que a avaliação online exigiria<sup>XI</sup>.

Mesmo esse hercúleo esforço de adaptação instantânea a uma realidade nunca experimentada beneficiou do facto de o semestre ▶



já estar em curso e de, portanto, os alunos já conhecerem os docentes e já se conhecerem uns aos outros, tendo inclusive já criado os seus grupos de trabalho.

Muito diferente seria iniciar trabalho cooperativo entre os alunos sem eles se conhecerem e interagirem presencialmente. E a integração dos alunos do primeiro ano, como podia ser feita à distância?

professores tenham contacto presencial, pelo menos, no início (*bonding*) e nos momentos de avaliação.

Acrescente-se que as IES vocacionadas para ensino à distância tinham pouca tradição de trabalhar com alunos adolescentes. Os seus alunos são essencialmente adultos com uma capacidade de estruturarem o seu estudo e de disciplinarem as suas atividades mui-

---

***“Já foi confrontado com a necessidade de passar uma hora ou hora e meia (ou mais nalgumas IES) fechado(a) numa sala sem circulação de ar<sup>2</sup> por causa do frio, com uma turma de adolescentes, mesmo que esta apenas preencha um terço da lotação da sala? E quando aquela aluna tossiu? O que fez? Terminou a aula?”***

---

Mais grave, e as praxes? Como se fariam? Pensando bem, talvez a ausência de praxes (da forma que são feitas na maior parte das IES) possa ser uma vantagem do ensino à distância... mas, piadas à parte, a verdade é que se torna muito mais difícil haver vida académica... *online*.

Será muito penalizador fazer um ano letivo inteiramente à distância, sem que alunos e

professores tenham contacto presencial, pelo menos, no início (*bonding*) e nos momentos de avaliação.

Acrescente-se que as IES vocacionadas para ensino à distância tinham pouca tradição de trabalhar com alunos adolescentes. Os seus alunos são essencialmente adultos com uma capacidade de estruturarem o seu estudo e de disciplinarem as suas atividades mui-

aprendizagem do aluno, na sua aquisição de *skills*, e é assim, pelo menos, desde Bolonha.

No entanto, todos concordarão que a aprendizagem é um processo social e o ES também é suposto ensinar *soft skills*, incluindo aqui os chamados *skills* sociais. Ora, como se vão aprender *skills* sociais sem socialização?

Mais, deve o ES limitar-se a transmitir conhecimentos ou deve “ensinar a aprender”<sup>XII</sup>, ou deve ainda ensinar a pensar, nomeadamente a adotar pensamento crítico? E isso é possível de ser conseguido à distância?

Apesar de o ministro ter decidido que o ES português tem de funcionar com aulas presenciais<sup>XIII</sup> e de ter logo garantido que vai dar o exemplo<sup>XIV</sup>, verifica-se que no semestre que agora decorre temos 3 modelos a serem usados no ES<sup>XV</sup>:

**a)** Algumas IES (sobretudo anglo-saxónicas) adotaram de início o ensino à distância;

**b)** Outras decidiram adotar o ensino presencial, com medidas de segurança reforçadas, nomeadamente distanciamento e higienização, cuja eficácia ainda está por confirmar;

**c)** Outras ainda adotaram um modelo tipo “tele-evangelismo”, com uma pequena audiência em sala (entre um terço e metade da turma) e a restante audiência a assistir à distância. Assistir, porque participar... é outra dificuldade.

No entanto, desde agosto venho defendendo que o mais importante não é como o semestre começa, é como acaba! O regresso ao estado de emergência e as adaptações que as IES fizeram aos novos condicionamentos vieram confirmar essa minha opinião.

Confesso que, à cautela, preparei duas alternativas para as aulas do primeiro semestre e ainda bem que o fiz. Ainda assim, nada me preparou (e imagino que aos colegas que leem estas linhas também não) para certas situações.

Já foi confrontado com a necessidade de passar uma hora ou hora e meia (ou mais nalgumas IES) fechado(a) numa sala sem circulação de ar<sup>2</sup> por causa do frio, com uma turma de adolescentes, mesmo que esta apenas preencha um terço da lotação da sala? E quando aquela aluna tossiu? O que fez? Terminou a aula? Continuou como se nada



fosse? Tudo indica que em 99% dos casos aquela tosse não tinha nada a ver com covid19. O problema é que no 1% dos casos em que a tosse resulta de covid19, manter a aula até ao final pode significar a infeção do docente, de outros alunos, dos familiares desses alunos, dos familiares do docente, dos funcionários não docentes e respetivas famílias... pode até significar a morte de alguém.

É nesta altura que os docentes do ES não podem ser cobardes, como foi dito em relação aos médicos e lares de 3ª idade? A coragem pode ser avaliada em atos que podem ditar a morte de 3ºs?



**2**

Eu não fecho portas e janelas, antes adoto a velha máxima “não existe frio, só existe gente com falta de roupa”, mas isso não me tornou particularmente popular entre os alunos...



Mais aspetos práticos: a temperatura de alunos, docentes e funcionários é medida à entrada do estabelecimento? Alguém foi mandado de volta para casa por estar demasiado quente?

Melhor ainda, já pensou o que vai fazer quando aquele aluno declarar que é contra as máscaras, que a obrigatoriedade de ter máscara viola a sua liberdade individual e se recusar a usar uma?

As dificuldades em lidar com esta pandemia são evidentes para todos. Não estamos sós.

### 3. NÃO É TEMPO DE O ES MUDAR?

Por outro lado, esta pandemia surge numa altura em que a evolução da tecnologia leva muita gente a pensar que o ES antes da pandemia já funcionava de forma anacrónica.

O professor foi ao longo dos séculos a figura predominante da instituição ES. Era o acumulador / curador de conhecimento, que depois transmitia aos alunos. Fazia isso porque produzia conhecimento e porque tinha acesso privilegiado a informação, pelo que personificava “o saber” que os alunos trabalhavam para adquirir.

#### **Esta foi a era dos Professores!**

Ora a tecnologia, e em particular a internet, mudou radicalmente este mundo ao revolucionar o acesso à informação. Deixou de ser difícil aceder à informação, passou a ser difícil seleccionar a informação que se utiliza. A internet trouxe, por exemplo, cursos online gratuitos ou a baixo custo produzidos por especialistas nos temas, com meios de produção audiovisual fantásticos, que não estão ao alcance da maior parte dos docentes do ES.

### 4. AINDA PRECISAMOS DE PROFESSORES?

Esta evolução coloca em questão o funcionamento do ES e põe a maior pressão no papel do Professor, após séculos em que foi absolu-

tamente central e indiscutível. Poderá agora ser substituído?

Não pretendendo entrar numa abordagem muito profunda<sup>xvi</sup> ou abrangente deste tema<sup>xvii</sup>, que necessita ser discutida noutras sedes<sup>xviii</sup>, vale a pena questionar se o semestre passado não fez muitos colegas sentirem-se menos como professores e mais como **gestores de conteúdos** nas plataformas de aprendizagem.

Será que o professor do futuro vai ser um gestor de conteúdos, produzidos por um número muito reduzido de autores? Como é possível manter a atenção dos alunos numa videoconferência<sup>3</sup> quando se está a explicar algo que eles podem aprender com os autores dos melhores livros daquele ramo de conhecimento, em vídeos ou noutros conteúdos produzidos quase ao nível de Hollywood?

Por outro lado, estou certo de que muitos dirigentes do nosso ES veriam com bons olhos a troca do professor pelo gestor de conteúdos. Mais barato, menos qualificado, com menos prestígio/peso, com menos poder reivindicativo, seria muito mais do agrado de alguns dirigentes, nomeadamente daqueles que vêm substituindo docentes doutorados por colegas que obtiveram grau de especialista, sem nunca terem tido carreira profissional fora do ES...

O fraco financiamento que o estado assegura ao ES poderia agora ser gasto em coisas muito mais importantes do que salários de professores... Talvez até seja possível reduzir esse financiamento. Algo que também deve agradar a alguns governantes.

Creio que o mais importante nem será, nesta altura, discutir se as aulas devem ser presenciais ou online, se aulas transmitidas por vídeo terão a eficácia desejada, se o tele-evangelismo cria condições de discriminação entre alunos ou se as praxes fazem alguma falta.

O mais importante será discutir qual o papel que o ES deve ter na nova sociedade que

*“Será que o professor do futuro vai ser um gestor de conteúdos, produzidos por um número muito reduzido de autores?”*

 .....

**3**  
O comentário mais comum entre os colegas com quem falei sobre o *eTeaching* menciona o sucesso obtido na adoção de novas tecnologias nas aulas e a dificuldade em conseguir manter os alunos atentos nas videoconferências feitas com essas tecnologias e a ainda maior dificuldade em estabelecer relacionamento com os alunos, de forma a ter *feedback*.

temos a oportunidade de construir a partir do grande *reset* de março passado.

No limite, creio ser importante discutir se o ES ainda vale a pena existir no formato atual ou se deve ser progressivamente substituído por um sistema de ensino de profissões, mais barato, mais flexível, que possa ser consumido *just-in-time, on-demand*, ou seja, quando as pessoas decidirem começar uma carreira, ou mudar para outra completamente diferente, em qualquer altura das suas vidas profissionais, inscrevem-se numa ES, acedem à plataforma de ensino à distância e... fazem *download* de conteúdos.

No fundo, é preciso analisar se o ES continuará a fazer sentido se passar a consistir apenas num sistema para a força de trabalho adquirir *hard skills*. Nesse sentido, será importante acompanhar a aplicação dos 3 regimes anteriormente mencionados (presencial, online e tele-evangelismo) como experiências sociais, cujo resultado deve ser analisado daqui a uns meses, sendo que talvez então tenhamos algumas luzes sobre qual deverá ser a evolução de todo o sistema.

Voltamos a falar em julho? Discutimos, nessa altura, o que deve vir a seguir à era dos Professores? •

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>i</sup> [https://www.wsj.com/articles/how-exactly-do-you-catch-covid-19-there-is-a-growing-consensus-11592317650?mod=e2fb&fbclid=IwAR0dj1ppCIPT9u\\_cTjXjLN\\_WwGx29gxLVZ8YTQVLiGQGrV5j1dLYBPG4PE](https://www.wsj.com/articles/how-exactly-do-you-catch-covid-19-there-is-a-growing-consensus-11592317650?mod=e2fb&fbclid=IwAR0dj1ppCIPT9u_cTjXjLN_WwGx29gxLVZ8YTQVLiGQGrV5j1dLYBPG4PE)

<sup>ii</sup> [https://www.sciencealert.com/hundreds-of-scientists-warn-covid-19-is-airborne-and-want-who-to-acknowledge-it/?fbclid=IwAR2k2bCqzPkkKn\\_TN1E97h7\\_N1xSwFgXZgqFXOJ3QKqoO4Wee0iYAHwL5ms](https://www.sciencealert.com/hundreds-of-scientists-warn-covid-19-is-airborne-and-want-who-to-acknowledge-it/?fbclid=IwAR2k2bCqzPkkKn_TN1E97h7_N1xSwFgXZgqFXOJ3QKqoO4Wee0iYAHwL5ms)

<sup>iii</sup> <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/particulas-do-coronavirus-podem-ficar-no-ar-ate-14-minutos-apos-sairem-da-boca-588529>

<sup>iv</sup> <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/coronavirus-microdroplets-talking-breathing-spread-covid-19/>

<sup>v</sup> <https://www.sciencealert.com/engineer-explains-how-you-can-use-ventilation-to-prevent-coronavirus-spread-indoors>

<sup>vi</sup> [https://www.thedailybeast.com/israeli-data-show-school-openings-were-a-disaster-that-wiped-out-lockdown-gains?fbclid=IwAR2AZdFrGV1hulXSUWjftUK35AeuN3jy\\_jqyNyI08mzd1bqs0S1D7czV0Ho](https://www.thedailybeast.com/israeli-data-show-school-openings-were-a-disaster-that-wiped-out-lockdown-gains?fbclid=IwAR2AZdFrGV1hulXSUWjftUK35AeuN3jy_jqyNyI08mzd1bqs0S1D7czV0Ho)

<sup>vii</sup> [https://www.theguardian.com/world/2020/aug/05/covid-19-may-spread-more-easily-schools-than-thought-report-warns?CMP=fb\\_gu&utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR0AKtF0W-fi5kkbE39u8Q2ytN5NFy0yLQ5uCGG6sSRWjurrnEG8Vm-Wo0#Echobox=1596643770a](https://www.theguardian.com/world/2020/aug/05/covid-19-may-spread-more-easily-schools-than-thought-report-warns?CMP=fb_gu&utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR0AKtF0W-fi5kkbE39u8Q2ytN5NFy0yLQ5uCGG6sSRWjurrnEG8Vm-Wo0#Echobox=1596643770a)

<sup>viii</sup> [https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/aug/18/children-covid-19-english-schools-virus-safe-reopening?CMP=fb\\_gu&utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook#Echobox=1597743372](https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/aug/18/children-covid-19-english-schools-virus-safe-reopening?CMP=fb_gu&utm_medium=Social&utm_source=Facebook#Echobox=1597743372)

<sup>ix</sup> [https://www.theatlantic.com/health/archive/2020/08/covid-19-immunity-is-the-pandemics-central-mystery/614956/?utm\\_source=pocket&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=pockethits](https://www.theatlantic.com/health/archive/2020/08/covid-19-immunity-is-the-pandemics-central-mystery/614956/?utm_source=pocket&utm_medium=email&utm_campaign=pockethits)

<sup>x</sup> <https://online.anyflip.com/wzcd/uhyp/mobile/index.html#p=23>

<sup>xi</sup> <https://www.edsurge.com/news/2020-07-27-online-cheating-isn-t-going-away-use-it-as-a-teachable-moment-for-students-and-educators>

<sup>xii</sup> <https://insider.dn.pt/em-rede/ensino-remoto-veio-para-ficar-universidades-portuguesas-divididas/25505/Recomendações>

<sup>xiii</sup> <http://expresso.pt/coronavirus/2020-08-05-Aulas-presenciais--inclusive-ao-sabado--com-mascaras-e-testes-as-recomendacoes-do-Ministerio-do-Ensino-Superior-para-o-novo-ano-letivo>

<sup>xiv</sup> Ironia, claro

<sup>xv</sup> <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/06-jul-2020/ensino-remoto-veio-para-ficar-mas-so-como-complemento-12389539.html>

<sup>xvi</sup> <https://www.sinalaberto.pt/os-equivocos-da-educacao-a-distancia/>

<sup>xvii</sup> <https://www.jn.pt/opiniao/convidados/a-transformacao-do-ensino-superior-12443868.html>

<sup>xviii</sup> <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2493/html/primeiro-caderno/opiniao/a-universidade-portuguesa-e-o-futuro-10-teses-e-uma-visao-comum>